

Menos como manifestação individual e mais pelo que traduzem como expressão de forte sentimento de desencanto ante a situação do País, que parece ir tomando conta dos brasileiros, as palavras ditas há dias por um dos maiores ídolos da televisão, aventando a possibilidade de não prosseguir com seus programas no próximo ano, uma vez que espera passar mais tempo em outras terras, estão a merecer séria reflexão da parte de todos aqueles que se preocupam direta ou indiretamente com o futuro do Brasil. Vale dizer, todos os cidadãos brasileiros.

“O País está muito mal — disse a jovem artista — e eu não quero fazer o papel de bobo da corte, dizendo para as pessoas cantarem e ficarem felizes. Cantar por quê? Ficar feliz por quê?”, acrescentou. Claro está que é fácil compreender tais palavras se se tiver em mente a decepção da maioria do povo brasileiro com o quadro desolador que tem diante de si: a sucessão de escândalos nos órgãos oficiais, a malversação do dinheiro público, a insegurança diante da onda avassaladora do crime organizado, a política tímida, senão obscurantista, do governo no que respeita à abertura de alternativas para as novas gerações. Tudo isso salta aos olhos de todos os que não insistem em mantê-los fechados para deixar o barco correr sem se preocupar com seu destino. Contudo, se há razões para esse desencanto, nem por isso se deve pôr de lado outros aspectos da questão, não menos ponderáveis.

Ao contrário do que se pensa, o ufanismo, tal como o expressou o conde Afonso Celso, em célebre livro que data do começo deste século, não é privilégio dos brasileiros. Todos os países, pobres e ricos, não re-

cuam diante da possibilidade de exaltar as próprias virtudes, dando livre curso à vaidade nacional. É certo que, no caso brasileiro, a grandeza territorial e a excelência do clima davam razão a esse estado de otimismo, que, no entanto, nem sempre pôde ser corroborado por outras características esboçadas por Afonso Celso como traços do caráter nacional, tais como escrúpulo no cumprimento das obrigações contraídas, honradez no desempenho das funções públicas ou particulares.

O que importa dizer, no entanto, nesta hora de grandes dificuldades, é que a ufanía, que nem sempre se ancorava nos fatos, foi com o correr dos anos sendo substituída por um espírito crítico, o qual, se é verdade que teve, num dado momento, papel importante na análise da realidade brasileira, acabou por degenerar-se em estado de insatisfação e desencanto. O resultado parece estar cunhado na frase tragicômica: “A única saída para o Brasil é a do aeroporto”. Os brasileiros não podem aceitar esta saída para suas vidas, porque são parte do País, cuja situação crítica jamais se resolverá por um passe de mágica, mas com participação de todos, cada um dentro de suas atribuições. Se nossa realidade é triste, cabe a nós exclusivamente a tarefa de mudá-la.

